

# QUADRO ECONÓMICO

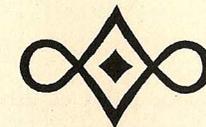
---

François Quesnay

*2.ª edição*

ANÁLISE  
DAS VARIAÇÕES DO  
RENDIMENTO  
DE UMA NAÇÃO

Prefácio  
de  
BENTO MURTEIRA  
Tradução e Notas  
de  
TEODORA CARDOSO



FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN



Tradução de textos franceses de Quesnay  
contidos em edições críticas recentes  
(1958-1966)

---

Reservados todos os direitos  
de harmonia com a lei.  
Edição da  
Fundação Calouste Gulbenkian.  
Av. de Berna/Lisboa

## PREFÁCIO

### § 1

*O Plano de Edições, da Fundação Calouste Gulbenkian, promoveu a tradução para português de alguns escritos de Quesnay entre os quais avulta, naturalmente, o TABLEAU ECONOMIQUE.*

*A primeira vista pode pensar-se que a tradução de obras publicadas há cerca de dois séculos — poucos anos depois de Lisboa ter sofrido o devastador terramoto de 1755 — tem interesse puramente documental. Tal visão é manifestamente incompleta e não faz justiça ao empreendimento. Por uma parte, contribue-se para melhor dar a conhecer em Portugal o pensamento de Quesnay a partir das suas próprias obras, facto sempre de realçar por mais valiosa e pertinente que seja a interpretação de terceiros. Por outra parte, o modelo do fluxo circular do rendimento contido no TABLEAU ultrapassou largamente os limites históricos da sua época e, para além do interesse que despertou em Marx, pode dizer-se que inspirou os modernos sistemas de contabilidade nacional e de Leontief.*

### § 2

*Quesnay foi a principal figura de um pequeno grupo de autores franceses — os fisiocratas — cuja denominação resultou do importante papel que atribuíram à ordem natural em contraste com a ordem social artificialmente instituída pelo homem.*

*Foi com justiça que os fisiocratas foram conhecidos por economistas, pois com Quesnay e seus discípulos, nomeada-*

diferentes quanto à forma ou quanto à situação económica que representam — em dois tipos:

- 1.º Gráficos do tipo «TABLEAU ECONOMIQUE» tal como o publicado pela primeira vez em 1758 (vide<sup>(1)</sup>) na presente tradução Quadro económico I, pág. 64 a, Quadro económico II, pág. 76 a, Quadro económico III, pág. 89; ignoram-se, pela sua menor importância, os gráficos de um tipo intermédio aparecidos em «La Philosophie Rurale» na companhia dos deste tipo).
- 2.º Gráficos do tipo FORMULA do «TABLEAU ECONOMIQUE» (vide<sup>(2)</sup>) na presente tradução Análise da Fórmula Aritmética do Quadro Económico pág. 251).

Os quadros do 1.º tipo serão no que segue designados apenas por TABLEAU e os do 2.º tipo por FORMULA.

Costumam distinguir-se no TABLEAU duas espécies de fluxos monetários: os traduzidos por linhas ponteadas horizontais, partem das despesas produtivas, dirigem-se ao rendimento e representam a produção de rendimento. Entre o ponto de partida e o ponto de chegada das linhas horizontais intercala-se todo um processo da produção que não é descrito pelo TABLEAU e que tem uma duração igual à do período considerado. As linhas horizontais referem-se, pois, às somas entregues à classe proprietária, no início do período seguinte (salvo a 1.ª linha do TABLEAU que corresponde a uma recapitulação do período precedente); traduzem fluxos monetários desfasados como diz Molinier.<sup>(3)</sup>

<sup>1</sup> Uma versão simplificada encontra-se adiante no Quadro 1.

<sup>2</sup> Veja-se também pág. 9 deste Prefácio.

<sup>3</sup> «Le système de comptabilité nationale de François Quesnay», in *François Quesnay et la Physiocratie*, Vol. I, Institut National d'Etudes Démographiques, Paris, 1958.

As linhas ponteadas oblíquas movimentam as somas entregues no decorrer do período considerado, primeiro pelos proprietários às classes produtiva e estéril, depois, sucessivamente, por cada uma dessas classes à outra; representam, portanto, fluxos monetários correntes.

A distinção entre as duas espécies de linhas ou fluxos não é suficiente para um perfeito entendimento do TABLEAU. Consciente dessas mesmas dificuldades, Quesnay introduziu a FORMULA com o objectivo de melhorar os esquemas anteriores.

As principais características da FORMULA são as seguintes:

- A) Mostra como são despendidos os adiantamentos anuais da classe estéril, que ficavam totalmente de fora no TABLEAU.
- B) Indica como se reconstituem as riquezas existentes no princípio do período e em particular como se reforma o rendimento destinado aos proprietários.
- C) Os fluxos desfasados foram suprimidos e só há lugar para os fluxos correntes.
- D) O fluxo da classe produtiva para a classe estéril foi modificado no sentido de que passa agora a partir dos adiantamentos anuais da classe produtiva<sup>(1)</sup>.

A explicação do mecanismo dos quadros de Quesnay foi explorada exaustivamente por Henri Woog<sup>(2)</sup> que ensaiou ao mesmo tempo uma fusão dos esquemas do TABLEAU e da FORMULA.

Não parece possível melhorar a explicação do mecanismo da FORMULA<sup>(3)</sup> tal como foi retomada e descrita por Woog:

<sup>1</sup> Este aspecto é comentado adiante neste mesmo §.

<sup>2</sup> «Le mécanisme du «Tableau économique» de François Quesnay» in *François Quesnay et la Physiocratie*, ob. cit.

<sup>3</sup> Em todas as considerações que seguem tomaram-se para referência o TABLEAU e a FORMULA dos 5 000 milhões de produção bruta.

1. O valor das espécies monetárias em circulação eleva-se a 3000 milhões: 2000 milhões que a classe produtiva obteve no período antecedente e vai entregar aos proprietários a título de renda, impostos, etc., e 1000 milhões que constituem o capital circulante (adiantamentos anuais) da classe estéril.
2. O capital circulante (adiantamentos anuais) da classe produtiva, na forma de produtos agrícolas no valor de 2000 milhões, não entra no circuito visto ser autoconsumido na produção de 5000 milhões de produtos agrícolas.
3. O capital utilizado pela mesma classe (adiantamentos primitivos), fixado em 10 000 milhões, naturalmente também não circula.
4. O período ou ciclo económico elementar inicia-se com a produção de produtos agrícolas (5000 milhões) e pelo pagamento de renda aos proprietários (2000 milhões). Esta produção agrícola pressupõe a total aplicação do capital circulante (2000 milhões de produtos agrícolas) e a depreciação de 10% do capital fixo (a sua reconstituição requer 1000 milhões de produtos manufacturados, os chamados juros dos adiantamentos primitivos).

Deste modo ao iniciar-se cada período de produção os agricultores dispõem de:

— 2000 milhões de capital circulante (em produtos agrícolas);

— 1000 milhões de juros sobre o capital fixo (em bens manufacturados);

— 2000 milhões de rendimento devido (em espécies).

5. A classe estéril compra à classe produtiva 1000 milhões de produtos agrícolas. Assim o capital circulante da classe estéril transforma-se em matérias primas<sup>(1)</sup>, absorvidas

<sup>1</sup> Inclui, evidentemente, as subsistências.

e transformadas em bens manufacturados no valor de 1000 milhões, vendidos aos proprietários contra a entrega de 1000 milhões em espécies.

6. Os proprietários entregam o resto do seu rendimento (1000 milhões) aos agricultores para liquidar as suas compras de produtos da terra, e retiram-se do circuito. A classe produtiva que passa a dispor de 3000 milhões de produtos agrícolas e 2000 milhões em espécie, reserva 2000 milhões dos primeiros para capital circulante a utilizar no período seguinte. Restam pois 1000 milhões de produtos agrícolas e 2000 milhões em espécie que a classe produtiva pode introduzir no circuito.
7. A classe estéril entrega aos agricultores os 1000 milhões que possui para comprar produtos agrícolas<sup>(1)</sup> do mesmo valor e os transformar em produtos manufacturados. Estes são em seguida vendidos à classe produtiva contra 1000 milhões em espécie. Neste momento os agricultores dispõem de:
  - 1000 milhões de produtos manufacturados;
  - 2000 milhões de produtos agrícolas postos em reserva para capital circulante a utilizar no período seguinte;
  - 2000 milhões em espécie.
8. Termina aqui o processo de circulação. Os proprietários consumiram inteiramente os bens que adquiriram com o seu rendimento. Do mesmo modo, tudo o que os agricultores e a classe estéril produziu foi consumido, com excepção dos bens que a classe produtiva reserva para reconstituir o seu capital fixo e para renovar o seu capital circulante.

Se parece excelente a interpretação da FÓRMULA feita por Woog a mesma opinião não é aqui partilhada em relação ao

<sup>1</sup> Inclui, evidentemente, as subsistências.

esquema modificado da FÓRMULA que esse autor sugere e que é, em traços simples, o seguinte (em milhões):

<u>Classe Produtiva</u>	<u>Proprietários</u>	<u>Classe Estéril</u>
2 000	2 000	1 000
1 000		
1 000		
1 000		1 000
Saldo 2 000		Saldo 1 000

Com efeito, concorda-se com Woog em eliminar a linha traçada por Quesnay na FÓRMULA e que ia dos adiantamentos anuais da classe produtiva para a classe estéril, pois a aplicação de 1000 milhões em bens dessa classe para reconstituição do capital fixo não sai desses adiantamentos, mas o mesmo não pode dizer-se do isolamento em que Woog deixa a importância da coluna da classe estéril assinalada com um asterisco. Essa importância, representando receita da classe estéril, terá que ser ligada com igual montante da coluna da classe produtiva, não interessa qual. Por exemplo:

2 000	2 000	1 000
1 000		
1 000		
1 000		1 000
Saldo 2 000		Saldo 1 000

O estudo da fusão do TABLEAU e da FÓRMULA num gráfico único, a que já se fez referência, será retomado mais adiante (§ 7).

Nestas breves notas cabe apenas uma rápida referência à apreciação e interpretação do TABLEAU efectuada por Marx<sup>(1)</sup>, pois, como já se disse, pretende-se dar maior ênfase às interpretações contemporâneas do TABLEAU ou da FÓRMULA.

Marx<sup>(2)</sup> caracterizou do seguinte modo o conteúdo do TABLEAU:

- 1) «...ce fut une tentative ayant pour but de présenter l'ensemble du procès de production du capital comme un procès de reproduction, et sa circulation, seulement comme une forme de ce procès de reproduction...»;
- 2) «...ce fut une tentative ayant pour but d'intégrer à ce procès de reproduction l'origine du revenu, les échanges entre le capital et le revenu, les rapports entre la consommation de reproduction et la consommation finale, et pour intégrer à la circulation du capital la circulation entre producteurs et consommateurs (en réalité, entre le capital et le revenu);
- 3) «ce fut enfin une tentative ayant pour but de présenter comme éléments du procès de reproduction la circulation entre les deux grandes subdivisions du travail productif, — entre la production de matières premières et l'industrie...».

Se, por outra parte, são bem conhecidas e incontestáveis as profundas divergências teóricas e políticas entre Marx e Quesnay,

<sup>1</sup> Veja-se «Marx on the Physiocrats» in *The Development of Economic Thought*, Editado por H. W. Spiegel, J. Wiley & Sons, Inc., Nova Iorque, 1964.

<sup>2</sup> Citado por Nemtchinov. Veja-se B. Joly, «Deux études de V. S. Nemtchinov» in *Cahiers de l'ISEA*, Série G, n.º 23, Mai 1966.

como explicar a atenção e apreço dedicados por Marx aos ensinamentos dos fisiocratas? A explicação, segundo J. Bernard<sup>(1)</sup>, não resulta de uma comparação das duas teorias, destacando semelhanças e diferenças. Tem de fundamentar-se na investigação do modo como Marx utilizou, tão conscientemente, certos conceitos fisiocráticos despindo-os do seu conteúdo agrário e burguês para lhes dar maior generalidade e novo significado, através de um processo de revisão e de enriquecimento dialéctico tão da preferência do fundador do materialismo histórico.

A este respeito é particularmente elucidativa a opinião do autor soviético Nemtchinov<sup>(2)</sup> para o qual o erro fundamental de Quesnay foi que tendo introduzido o conceito de «produto líquido», não foi capaz de o explicar, vindo erradamente a identificá-lo com o excedente material da produção agrícola. Segundo aquele mesmo autor, tivesse Quesnay entendido que o produto suplementar é o resultado do trabalho suplementar, e não teria incluído os trabalhadores industriais na classe estéril e assimilado o valor das despesas industriais ao valor da produção, convencido de que não existe suplemento económico no valor dos produtos industriais.

§ 5

Depois das considerações sobre a interpretação directa do TABLEAU e da FÓRMULA, interessa fazer algumas referências à análise efectuada através de outros instrumentos. J. Molinier teve a interessante ideia de representar a FÓRMULA por uma rede de fluxos.

É sempre possível instituir em forma de rede um sistema de fluxos como o de Quesnay. Para tanto basta fazer corresponder

<sup>1</sup> J. Bernard, «Marx et Quesnay» in *François Quesnay et la Physiocratie*, ob. cit.

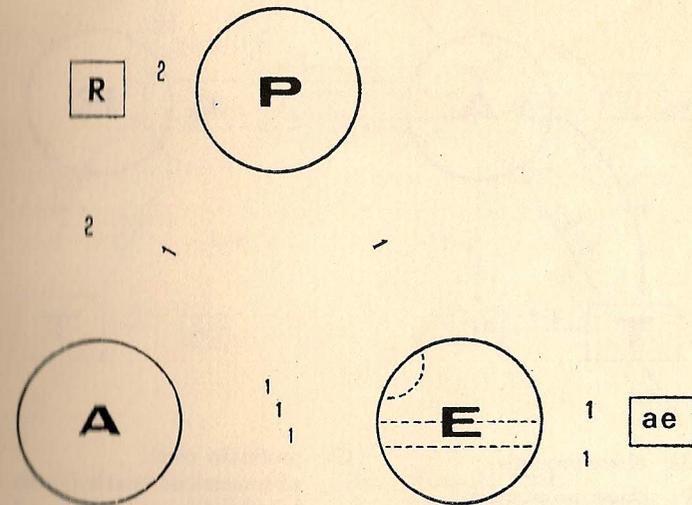
<sup>2</sup> B. Joly ob. cit.

um polo a cada classe e ligar esses polos por flechas representando os fluxos estabelecidos entre eles. Se existirem fluxos diferentes entre dois polos distintos é necessário definir bem a natureza desses fluxos.

Para facilidade de exposição separam-se inicialmente os fluxos monetários e os reais.

**Rede A**

**Circulação monetária segundo a fórmula**



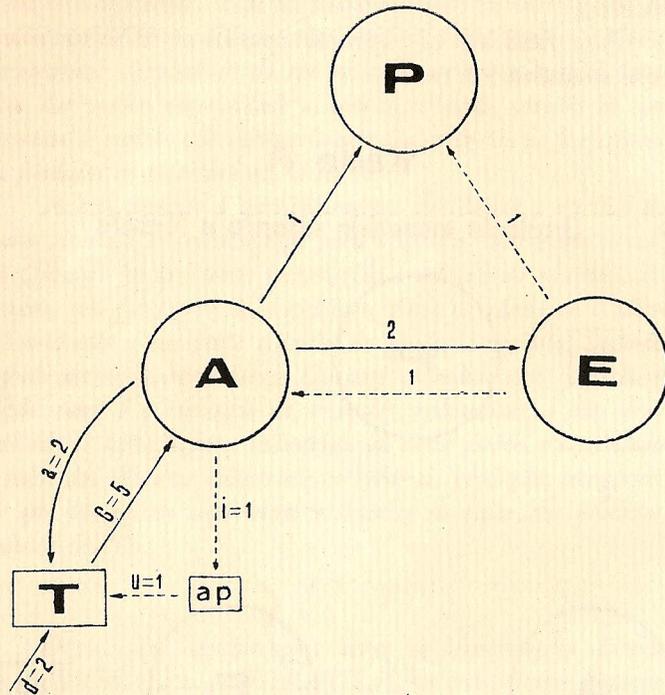
- A: classe produtiva;
- P: classe proprietária;
- E: classe estéril;

Fluxos monetários

- R: espécies em poder dos proprietários (rendimento = 2);
- ae: espécies em poder da classe estéril (adiantamento = 1).

## Rede B

Circulação real segundo a fórmula

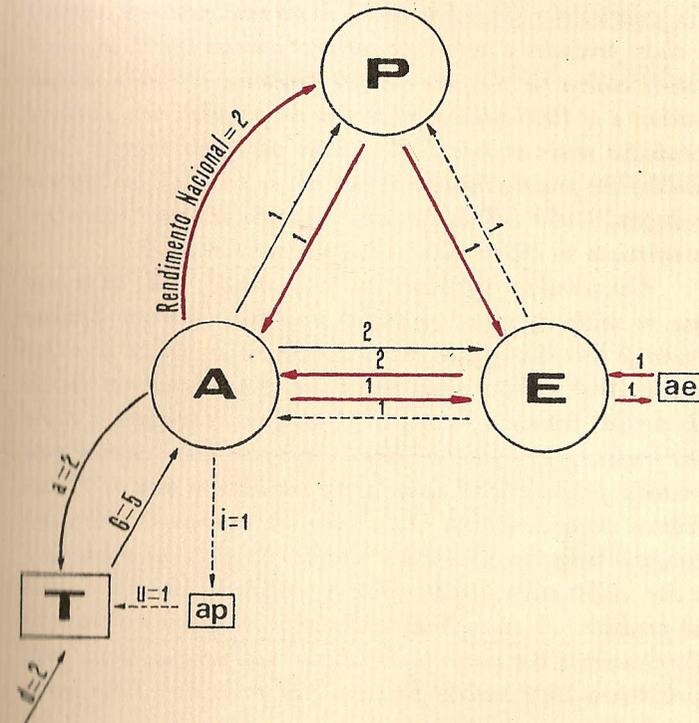


- |                               |   |
|-------------------------------|---|
| A: classe produtiva;          | G: produção total;                                |
| P: classe proprietária;       | a: adiantamentos anuais (classe produtiva);       |
| E: classe estéril;            | i: juros dos adiantamentos primitivos;            |
| T: posto de produção (terra); | u: reintegração de capacidade produtiva da terra; |
| ap: adiantamentos primitivos; | d: «dom gratuito»;                                |
|                               | → matérias primas e subsistências;                |
|                               | - - - -> produtos transformados.                  |

[16]

## Rede C

Formação e circulação do rendimento segundo a fórmula



- |   |  |
|---|--|
| A: classe produtiva;                        | G: produção total;                           |
| P: classe proprietária;                     | a: adiantamentos anuais da classe produtiva; |
| E: classe estéril;                          | i: juro dos adiantamentos primitivos;        |
| T: posto de produção (terra);               | d: «dom gratuito»;                           |
| ap: adiantamentos primitivos;               | → fluxos monetários                          |
| ae: adiantamentos anuais de classe estéril; | → matérias primas e subsistências;           |
|   | - - - -> produtos transformados.             |

[17]

Comece-se pela circulação monetária. Inicialmente, para um estoque monetário de 3000 milhões, a classe proprietária detém 2000 milhões e a classe estéril 1000 milhões (vide § 3). Os proprietários despendem metade do seu rendimento em compras à classe produtiva e metade em compras à classe estéril. A classe estéril utiliza em compras à classe produtiva os 1000 milhões iniciais e os 1000 milhões que recebeu dos proprietários. A classe produtiva recebe ao todo 3000 milhões dos quais entrega 2000 milhões aos proprietários em pagamento da renda do ano corrente e despende 1000 milhões em produtos manufacturados, para reconstituição do capital fixo. Tem-se assim a rede A.

Considerando seguidamente a circulação real observa-se que no início do período a classe produtiva detém um produto bruto de bens reais que se eleva a 5000 milhões. Deste produto: retira 2000 milhões para reconstituir os adiantamentos anuais do período precedente; entrega 1000 milhões de produtos à classe dos proprietários e 1000 milhões à classe estéril. Esta precisa de matérias primas e de subsistências por isso adquire mais 1000 milhões à classe produtiva. O trabalho dos artesãos incorpora na produção industrial o valor das matérias primas (1000 milhões) e das subsistências (1000 milhões) consumidas durante o ciclo de produção. A produção da classe estéril tem pois um valor de 2000 milhões dos quais 1000 milhões vão para a classe proprietária e 1000 milhões para a classe produtiva. Surge assim a rede B.

Da combinação das redes A e B obtém-se finalmente a rede C, com a pequena alteração que resulta de o fluxo do rendimento nacional ser estabelecido directamente de classe produtiva para os proprietários.

A simbologia que acompanha as redes dispensa quaisquer explicações adicionais.

## Quadro 1

TABLEAU SIMPLIFICADO (EM MILHÕES)

